

Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

Entre maio de 2014 e maio de 2015, cerca de 705 mil brasileiros perderam o emprego de carteira assinada. No Estado esse número chegou a 14,4 mil

A questão do emprego

Quando desejamos avaliar o grau de desenvolvimento de um país e sua sustentabilidade no decorrer do tempo, nos valem principalmente de indicadores relativos ao nível de emprego. Assim, se o nível de emprego apresenta-se elevado é sinal de que aquelas pessoas em condições e com desejo de trabalhar tem facilidade em encontrar ocupações econômicas que as facultam ter acesso aos rendimentos, e por meio destes, ao mundo do consumo de bens e serviços que lhes são ofertados. No fundo, é o meio de transformá-las em cidadãos.

No entanto, quando isso não acontece, ou seja, quando um país não consegue gerar a quantidade de postos de trabalho que dê conta da quantidade de pessoas que desejam e estão em busca de trabalho, está caracterizado que aquele país tem um problema de desemprego e também de desenvolvimento. Pode ser passageiro, fruto de um problema conjuntural. Como também pode derivar de questões mais profundas, predominantemente estruturais.

É o problema que estamos enfrentando no momento no nosso país. Entre maio de 2014 e maio de 2015 cerca de 705 mil brasileiros perderam o emprego. E aqui estamos falando de empregos formais, de carteira assinada. No Espírito Santo esse

número chegou a 14,4 mil, no mesmo período. São números que refletem a intensidade da desaceleração do nível de atividade econômica geral. Porém, e é o que mais deve levantar preocupações, numa lógica cuja tendência é termos a variável desemprego evoluindo mais rapidamente do que a própria queda da atividade econômica. O que nos faz projetar números que podem ser ainda piores para os próximos meses, principalmente na ausência de sinais que indiquem reversão de expectativas.

A perda de postos de trabalho formais no Estado tem seguido a tendência nacional. Nos últimos 12 meses, por exemplo, foi equivalente a 1,7% do estoque existente de pessoas empregadas, com concentração maior na construção civil, nos serviços e no comércio. Esses três setores respondem hoje por cerca de 70% do total de vínculos formais no Espírito Santo, que chegou a 791 mil em maio de 2015, segundo dados do Ministério do Trabalho.

É bom lembrar que a variável emprego formal é apenas uma parcela da realidade, que para o Brasil equivale a 20% da população com carteira assinada. Praticamente o mesmo percentual no Espírito Santo. O estado mais desenvolvido nesse aspecto é Santa Catarina, com 31% da sua população empregada formalmente; seguindo-se São Paulo com 30%. No caso específico do Espírito Santo vamos encontrar uma disparidade enorme entre municípios nessa questão. Enquanto em Vitória essa relação é de 45% - obviamente empregando pessoas que moram em outros municípios -, em Ibitirama chega a apenas 2,6%.